

Anexo V – Categorização da entrevista à Educadora Cooperante

Grelha de categorização da informação da entrevista à educadora cooperante		
Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Entrevistada	Formação académica	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) Eu realizei a minha licenciatura como Educadora de Infância na Universidade de Évora, entre o ano 2000 e 2004 (...)” (9) • “(...) vim para Faro... e fiz um estágio profissional pelo Centro de Emprego, um estágio de 9 meses (...)” (10)
	Situação profissional	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) Durante esse estágio comecei logo a trabalhar como Educadora de Infância (...)” (12) • “(...) terminado o estágio foi-me feito um contrato (...) onde continuei a trabalhar sempre na valência de creche (...)” (13) • “(...) Em 2007, terminado o contrato (...) encontrei emprego na Associação de Apoio à Criança “O Arco-Íris”. Comecei a trabalhar na valência de creche e posteriormente passei para o jardim de infância (...)” (15) • “(...) é o local de trabalho onde me encontro até hoje... 2013 (...)” (18)

Envolvimento e participação dos pais nas reuniões.	Reuniões de pais	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) aqui fazemos várias reuniões de pais. Fazemos a do início do ano, que é feita com todos os pais (...).” (21) • “(...)Depois, fazemos as outras reuniões de avaliação, a meio do ano, (...).” (28) • “(...) é importante, em primeiro lugar as reuniões [participar], acho que é o mais importante para eles, ou de mais interesse e acho que ninguém (...) devia faltar a uma reunião ou achar que não tem interesse. Acho que é onde eles deviam participar em primeiro lugar, (...).” (207)
	Adesão dos pais à participação nas reuniões	<ul style="list-style-type: none"> • “(...)Nessas reuniões [de início do ano], normalmente, todos os pais aderem (...) porque explica-se o projeto curricular e as informações mais específicas da sala e é do interesse de todos, e todos os pais costumam participar e nunca faltam, pelo menos um dos pais costuma vir (...).” (23) • “ (...)e aí [reuniões a meio do ano] já notamos alguma diferença (...)é mais difícil agendar com elas uma data.” (28) • “(...) os pais (...) vão dando menos relevância à importância dos momentos de avaliação (...). (31) • “(...)Na creche dão muita importância, especialmente quando é o primeiro filho (...).” (32) • “(...)Na sala (...) dos quatro e dos cinco já é muito mais difícil, somos praticamente nós que temos de correr atrás dos pais (...) para marcar (...).

		<p>(33)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “(...) Os pais novos [na instituição] continua-se a manter sempre esse interesse (...).” (35)
	<p>Frequência das reuniões</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “(...)Na creche eu fazia sempre a reunião do início do ano (...) a reunião a meio do ano individual (...) é uma reunião mais específica (...).” (41) • “(...)Depois faço outra no final do ano, também individual (...).” (51) • “(...) a única global que eu costumo fazer é a do início do ano porque é para explicar os objetivos do projeto (...).” (52) • “(...) No pré-escolar até à sala dos três, eu tenho feito assim do mesmo método, mas vou notando também menos interesse dos pais, vou notando agora com estas idades dos mais velhos que talvez a reunião a meio não seja se calhar já tão relevante (...).” (55) • “(...) este ano (...) eu não fiz a meio do ano, vou fazer agora no final e individual, pronto vou continuar o mesmo método (...).” (62) • “(...) Há colegas minhas que fazem global, [no início] a meio e no fim (...).” (64) • “(...) a final [a reunião] faço mesmo questão, insisto e acho que é muito importante pelo menos na final estarem cá. Na primeira e na última é mesmo importante porque (...) se a criança for para outro infantário, eu tenho de dar as dicas de como é que está o desenvolvimento ou seja para

	Objetivos das reuniões	<p>ficar (...)” (74)</p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) e o que elas [as outras educadoras] abordam na reunião é se cumpriram o projeto, os temas que cumpriram (...)” (65) • “(...) os objetivos das reuniões de pais, na primeira reunião deve ser o transmitir claramente o projeto curricular (...)” (87) • “(...)Muita gente também não dá importância [ao projeto curricular], vem com a noção ainda de que nós somos amas (...)” (88) • “(...) eu faço questão de explicar os temas que vão ser trabalhados e para quê (...)explicar também das rotinas (...)” (91) • “(...) e também algumas regras (...) para os pais, horários de entrada (...)” (93) • “(...) depois as outras [reuniões] (...) eu penso que é mais a avaliação do desenvolvimento da criança, se está progredir (...) se não está, não esquecendo de dizer os pontos maus, mas também os pontos bons..” (96)
Envolvimento e participação dos pais na sala e na instituição.	Dificuldades sentidas no envolvimento e participação dos pais em situação de separação	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) Sinto algumas dificuldades (...)” (107) • “(...) porque, normalmente, nos casos de divórcio (..) isso acontece com mais frequência nas salas de pré-escolar porque é a idade em que começamos a ver mais divórcios e separações, a partir dos três anos, infelizmente (...)” (107)

		<ul style="list-style-type: none"> • “(...)E o que nós [educadoras] sentimos de dificuldade é que geralmente há muita rivalidade entre os pais (...) começa a haver aquela disputa entre quem é que é o melhor (...).” (110) • “(...)Há uma rivalidade e acabam às vezes por nos querer envolver nisso (...) é uma das dificuldades que eu sinto (...).” (114) • “(...) nas situações de divórcio (...) um empurra para o outro, o outro empurra para o outro e (...) não conseguimos chegar a nenhum (...) se calhar acaba por nenhum dar a verdadeira atenção que a criança precisa porque estão mais preocupados em empurrar (...) as responsabilidades para um e para outro, mas quando precisamos nenhum dos dois está cá, muitas vezes acontece isso. Não notamos que seja um deles que está realmente cá, nenhum dos dois acaba por estar (...).” (199)
	<p>As dificuldades sentidas no envolvimento e participação dos pais em situação de casados</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “(...)normalmente quando há uns pais que agem de uma determinada forma agem os dois (...).” (119) • “(...) temos vários estilos [de pais] (...).” (122) • “(...) há pais que, por exemplo, no caso das reuniões vêm sempre os dois, preocupam-se sempre os dois... mas depois também temos os casos em que há um dos pais que é sempre aquele que vem, e é engraçado porque não quer dizer que seja só a mãe, às vezes a gente pode pensar que é a mãe, que é o papel de mãe mas não. Nós temos um caso na nossa sala em

		que por exemplo desde bebé que é o pai. O pai é que está sempre presente e a mãe não, é engraçado (...).” (122)
	Maior envolvimento do pai e da mãe	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) não posso ser concreta nesse aspeto (...) temos os dois casos é...[ser a mãe mais participativa e ser o pai mais participativo também] (...).” (130) • “(...) podia-se pensar que poderia ser a mãe a participar mais mas hoje em dia, felizmente (...) já se nota essa diferença (...).” (131) • “(...) eu acho muito bom, que o pai já começa a participar (...).” (133) • “(...) nós notamos também que o pai já começa a ajudar nas tarefas de casa, que era uma coisa que não acontecia. O pai não dava banho à criança, o pai não fazia a comida... e agora já há essa alteração e isso é muito bom. Não é só a mãe, o que é muito bom (...).” (134)
	Menor envolvimento dos pais	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) [nota-se mais uma vez] a diferença entre a creche e o jardim de infância, a atenção dos pais vai decrescendo (...).” (154) • “(...) se nós fizermos atividades em creche em que os pais participem (...) qualquer coisa que a educadora proponha, os pais aderem mais. Temos mais pais a vir e a oferecer-se para ajudar. Quando vamos para pré-escolar, nós às vezes queremos preparar eventos, por exemplo no caso de eu estar agora a dar as profissões, e quero convidar os pais a vir explicar a sua profissão, noto mais dificuldade, as pessoas mostram

		<p>menos disponibilidade, é mais difícil chamá-las e muitas das vezes nem sequer consigo (...) que eles realmente venham ou combinar alguma coisa que seja com eles, e as próprias pessoas (...) acabam por não me dizer nada, (...) cai no esquecimento (...).” (158)</p> <ul style="list-style-type: none">• “(...) a nível de trabalhos, os trabalhos enviados para casa também acontece o mesmo (...) é exatamente a mesma situação da participação em atividades (...).” (167)• “(...) na creche, toda a gente participa. Há medida que as crianças vão crescendo há pais que não... já não vão participando e ignoram mesmo (...).” (169)• “(...) A educadora pode por papéis, pode por post its, pode falar pessoalmente, mas há pessoas que não participam (...) não dão satisfações, nem se justificam (...) é o que vou notando (...).” (171)• “(...) não há uma justificação (...) nós fazemos um convite com o maior gosto... e porque a criança depois também fica chateada (...) todos os pais participam menos o dela.(...)” (176)• “(...) Nós explicamos isso aos pais, “veja lá, porque depois ela fica triste”, mas há pessoas que mesmo assim não dão relevância e temos que aceitar. É uma coisa que vou aprendendo com o tempo, fico triste, porque não gosto de ver os miúdos ficarem tristes, mas acabo por aceitar (...) E,
--	--	---

		<p>às vezes, o que é mau leva-nos a desistir de convidar os pais. O que leva-nos a desistir para não fazer a criança passar por isso (...).” (180)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “(...)Esses eventos, de... pequenas festas familiares, o dia da mãe, ou algumas festinhas que temos o hábito de fazer, para chamar os pais cá, sem ser as reuniões de pais (...) para os fazer envolver e também ter um bocado de noção da realidade, como é que isto funciona, isso era importante mas às vezes nós temos pena de sujeitar a criança a isso, porque há, infelizmente, crianças que os pais não aparecem, e pronto é mau, acho que é mau (...).” (187) • “(...) é mais fácil em creche, agora estou no jardim de infância e estou a sentir essa dificuldade cada vez mais, porque vou passando de sala e à medida que a idade aumenta [a participação dos pais é menor] (...).” (250)
	<p>Motivos que levam os pais a comparecerem mais no jardim de infância.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) As festas (...).” (145) • “(...) as reuniões apesar de tudo, as reuniões de pais sem dúvida. (...).” (147) • “ (...) Se chamamos os pais, por algum motivo específico, a maioria vem (...).” (147) • “(...) É um dos motivos principais [as reuniões] e as festas (...) isso é verdade, quando há um evento, uma festa de natal, uma festa de final de

		<p>ano tooda a gente vem. Vêm os pais, os avós e vêm aquelas pessoas que nunca apareceram (...).” (148)</p>
Participação dos pais no jardim de infância.	Atividades com os pais	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) essas pequenas atividades (...) é importante os pais virem ao infantário participar nessas atividades (...) Porque já aconteceu fazermos isso e quando as pessoas saem daqui, a seguir à atividade dizem “eu não tinha noção que isto era assim.” (...).” (210) • “(...) às vezes os pais têm aquela noção que nós temos uma atenção individualizada ao filho, mas só quando cá estão é que consegue perceber que nós temos de ter atenção individualizada para os filhos de todos. Todos são filhos de alguém e todos são importantes, não é só aquele, e é importante os pais cá estarem, só quando eles cá estão é que conseguem perceber (...).” (220) • “(...) e os próprios miúdos gostaram de ouvir. Nós lemos na sala [as declarações de amor dos pais], os miúdos ficaram comovidos. Fiquei com pena daqueles pais que não participaram, os tais casos que nem participaram, nem se justificaram e... fico com pena, fico com pena... os miúdos ficaram com pena e nós também (...).” (236)
	Atividades para casa	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) eu não mando muitas atividades, compreendo que as pessoas têm o trabalho, chegam a casa cansadas, chegam a casa tarde, têm que dar banho e dar o jantar às crianças (...).” (225)

		<ul style="list-style-type: none"> • “(...) mas há atividades isoladas, muitas vezes eu puxo muito pelos sentimentos porque acho que é uma coisa que está a falhar hoje em dia, as pessoas esquecem-se de dizer ao filhos, de falar. Há muito... o gesto automático há muita televisão e as pessoas já não usam a palavra (...)” (227) • “(...) Há pouco tempo eu fiz uma atividade sobre o dia do pai, muitos pais escreveram, pedi para escreverem o que era ser pai e o que sentiam em relação ao filho como pai. Fiquei surpreendida, não esperava ouvir da boca do pai, não é, da figura masculina (...) descrições tão sentimentais (...)” (230)
	<p>Importância da participação dos pais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) acho que aí as pessoas devem tentar participar, nem que seja o pouco que consigam, nem que seja cinco minutos é muito importante para os miúdos (...)” (239) • “(...) eu não vejo o caminho do que é que será melhor: é nós deixarmos de fazer para os miúdos daqui em diante não terem de se sujeitar aos pais não aparecer ou é melhor os pais começarem a ser sensibilizados que é importante participar? Se calhar é isso, não é? (...) É mau a educadora começar a deixar de convidar os pais, não é? Por os pais não responderem (...)” (241) • “(...) Não dão essa importância [ao caderno] e aí pronto é uma

		<p>dificuldade que eu sinto, é uma porta fechada (...).” (322)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “(...) Quando é convocado uma reunião, não há tempo, nunca há tempo, mas quando há uma festa, os pais acham que é a oportunidade ideal para trocar impressões e muitas vezes erradamente, porque é em frente aos miúdos, não é? É uma coisa que não devemos fazer (...) e em frente aos outros pais (...).” (328)
	Continua a procurar estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) Tem sido difícil (...) é muito difícil, eu acho que ainda estou a encontrar, ainda estou... a tentar encontrar estratégias (...).” (248) • “(...) eu própria ainda estou a tentar encontrar essas soluções (...).” (254)
	Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) Eu vou tentando apelar (...) aos sentimentos (...).” (249) • “(...) A melhor solução acho que é, quando conseguirmos ter os pais reunidos, especialmente, logo a primeira reunião de setembro, chamar à atenção para isso. Acho que é o ponto de partida (...).” (255) • “(...) usei uma estratégia, foi na reunião do ano passado, na reunião de pais, porque eu acho que esses são os melhores momentos e até quando estão todos, as individuais é mais difícil, quando estão todos é o melhor momento para conseguir transmitir alguma coisa. Usei um vídeo, que era sobre o exemplo que os pais dão aos filhos, é um vídeo que eu encontrei no youtube... é uma publicidade, foi feita uma publicidade, em que demonstra como o filho imita o comportamento do pai, do adulto. É um

		<p>vídeo onde mostra diversos comportamentos maus, atirar um papel para o chão, pronto várias coisas que o adulto pode fazer e que a criança vai fazendo o mesmo... eu passei esse vídeo e arranjei ali um momento de reflexão... para os pais terem essa noção, que todos os seus comportamentos o filho vai imitar (...).” (259)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “(...) temos de aproveitar então essas reuniões, logo na primeira, esses pequenos momentos e sensibilizá-los, como é importante, o que é que acontece, mostrar a nossa experiência também torna a coisa um bocado mais válida (...) dizer: “Olhe, já aconteceu em anos anteriores a educadora querer chamar os pais, porque é importante envolver, mas os pais não participam e a criança fica triste.” Eles têm de ter essa noção e é o melhor momento, é o que nós podemos fazer é aproveitar essas reuniões de grupo. É a minha solução, por enquanto vou tentando cativar por aí, vou tentando sensibilizar “ai, veja lá que ele fica triste”, vou tentando fazer os pais compreenderem como é que se sentem a criança para descentrarem um bocadinho deles próprios. Pronto, não é por mim é pela criança, vou tentando puxar por aí. É a minha solução (...) por enquanto (...).” (268)
Pais e instituição	Importância da abordagem em situações informais	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) hoje em dia os educadores estão muito limitados com o tempo, às vezes os pais também (...) queriam fazer perguntas e acabam por fazê-lo

		<p>muitas vezes, diariamente. Nós não conseguimos dar essa resposta, não conseguimos ter tempo. Temos horas pedagógicas (...) supostamente, serviriam para preparar trabalhos e para atender pais, mas é muito difícil. E são em horários muitas vezes que não são compatíveis com o horário de saída dos pais (...)” (283)</p>
	Nas entradas e saídas	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) Os pais procuram-nos às vezes entre portas (...) acabamos por ir dando umas dicas (...)” (290)
	Caderno como estratégia	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) uma forma que eu encontrei, porque não me cruzo com alguns pais e há informações que nós não conseguimos passar (...) este ano propus uma ideia e acho que funciona e é bom. Pedi a cada um um caderno. Cada um agora tem um caderno individual que está sempre dentro da mochila, imagino que às vezes há coisas que nós reparamos... por exemplo, a criança. “olha, hoje esteve mais impertinente, ou hoje notei que respondeu de tal forma, ou hoje contou-me uma determinada situação que eu fiquei preocupada”, pronto (...) eu ponho no caderno (...)” (291) • “(...) É uma forma de trocarmos informação [pelo caderno], eu comecei a fazer isso, acho que é importante... para mim é importante (...) não sei se os pais (...) consideram importante da forma como eu considero (...) Eu escrevi um papel a explicar para quê, para que é que servia o caderno, a importância, disse que os pais tinham liberdade também para trocar

		<p>impressões comigo pelo caderno (...)” (298)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “(...) não é que o caderno seja substituto das reuniões, mas nos casos em que não nos conseguimos encontrar é um último recurso. E é um registo, um registo que fica ali do comportamento da criança, do desenvolvimento também (...)” (303) • “(...) Eu, para mim, é muito importante, mas o que noto é que as pessoas não escrevem. Até hoje acho que só uma pessoa é que me escreveu ainda no caderno... uma resposta. Muitas vezes leem mas (...) não há o feedback e eu gostava que ficasse lá esse registo, para mais tarde, no fim do ano nós vamos ver, há um percurso (...) há uma evolução (...)” (306)
	Os pais são mais exigentes	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) a exigência dos pais a nível de trabalho é muito maior, os pais estão mais atarefados, os horários são mais pesados, as pessoas têm menos tempo, andam mais cansadas e a resposta vai diminuindo, não é por mal, os pais gostam dos filhos (...) mas não conseguem (...) coordenar as atividades todas que têm e muitas vezes estão cansados e nós temos que ser a luzinha, temos de ser a luzinha que os faz acordar (...)” (340) • “(...) os miúdos estão a crescer. No desenvolvimento não podemos simplesmente por um pause, eles estão a crescer e temos de agir nem que seja só cinco minutos (...)” (346) • “(...) Os pais são exigentes (...) Não têm tempo, os pais não têm tempo e

		<p>acabam por depositar essa esperança no infantário (...) Que o infantário faça um bocadinho aquilo que eles não conseguem fazer... eu acho que aí advém algumas desvantagens (...) se calhar o resultado (...) não é aquele que os pais esperam (...).” (351)</p>
	<p>O jardim de infância não substitui os pais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) o jardim de infância não pode de forma alguma substituir nunca os pais (...).” (357) • “(...) o excesso de tempo no infantário, o excesso de atividades extracurriculares, muitas vezes agora acontece para tapar esses buracos em que os pais não conseguem estar, também não é bom, também prejudica, porque a criança precisa de estar com os pais, precisa de tempo com os pais, precisa de tempos de qualidade... quantidade e qualidade, especialmente qualidade (...).” (358)
	<p>O educador também educa a família</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) devia haver mais tempo, mais reuniões, mas também mais sensibilização... por parte dos educadores no início do ano letivo para ver se conseguimos todos juntos... acho que tem de ser um trabalho de todos os educadores para formarmos uma multidão (...) e sensibilizarmos, todos juntos, os pais. Para ver se conseguimos aos poucos mudar (...).” (333) • Acho que compete a nós educadoras, aos pouquinhos, irmos tentando sensibilizar, fazer o nosso papel (...).” (347)

		<ul style="list-style-type: none">• “(...) temos que educar as crianças e educar os pais (...) já que não existe educação parental direcionada ainda para esse aspeto (...) e devia haver e nós acabamos como educadores por ser obrigados a hoje em dia ter de fazer esse papel. Tem que partir de nós, ou alguém tem que educar, entre aspas, os pais, alguém tem que lhes transmitir essa informação (...).” (366)
--	--	---